

Esforço concentrado

J.O. de Meira Penna

O esforço é concentrado para uma espécie de tohu-bohu de proporções bíblicas. O caos. Mas existe uma certa coerência na irracionalidade e confusão dos principais atores, em obediência aos princípios da dialética. Diríamos que talvez tudo se processe na esfera sombria do inconsciente coletivo, no mundo dos arquétipos junguianos ou nesse terreno misterioso da História onde esteja agindo a "astúcia da razão" hegeliana... Vejam bem: a independência do Brasil foi realizada pelo filho do rei de Portugal; a Abolição, pela herdeira do monarca, principal responsável pela conservação da estrutura social da Nação; e a República por um marechal, chefe das Forças Armadas que sustentavam o império e que, deixando o povo "bestificado", foi após seu gesto para o Campo de Santa Ana dar um "viva o Imperador!". O Brasil é useiro e vezeiro nesse tipo de "revolução branca". O objetivo atual, claramente, não é realizar o take off econômico do País, mas o take-over de um Estado que, de qualquer maneira, já está manipulado, em 70 ou 75% do PIB, pela burocracia patrimonialista social-estatizante. Há quatro grandes grupos de atores agindo, descoordenada e atabalhoadamente, com o mesmo propósito de conquista do Estado por dentro: 1) os políticos em sentido lato, eles mesmos divididos em fisiológicos, clientelistas e cartoriais do Nordeste, homens como os Sarneys, os Aluzio Alves, os Prisco Vianas, os Antonio Carlos Magalhães, os Arraes da vida; demagogos populistas de São Paulo como os Covas, os Quéricias, os Lulas; e caudilhos gaúchos na linha castilhistas dos Pinheiro Machado, Getúlio Vargas, Goulart e Brizola; 2) os membros da burocracia, sete ou oito milhões de indivíduos, fortemente instalados e obstinadamente dispostos a manter suas posições (e seu ganha-pão); 3) os "intelectuários" que controlam a Igreja dita "progressista", as Universidades e os meios de comunicação, empenhados em legitimar ideologicamente o take-over. Acrescentemos, em quarto lugar, 4) os militares. Estes perderam sua oportunidade, nos 20 anos de poder, porque sofriam de má consciência e não souberam nem legitimar a ditadura, com uma retórica apropriada de esquerda, nem tampouco se decidir francamente em favor da iniciativa privada. Obeceados com a esperança de emprego para os coronéis reformados e com o desenvolvimento, pela intervenção do Estado, os militares brasileiros contribuíram pesadamente para a criação do monstro leviatânico que seus pseudo-adversários ideológicos estão agora prontos para açambarcar. Se houvessem trilhado o caminho do general Pinochet, o qual está criando as condições para um enorme progresso do Chile, teriam possivelmente conservado o apoio das classes média e rural, de que se valeiram até os princípios da década dos 70.

Mas vejam agora o que está ocorrendo: um

único exemplo, o do Banco do Brasil. Com seus 120.000 funcionários (três vezes os do Citicorp, o maior banco do mundo!), de salário médio de 80.000 cruzados, um cálculo rápido indicaria uma despesa anual superior a um bilhão de dólares. Acrescentem-se o 13º salário, as mordomias, automóveis, assistência médica, residências funcionais, alta remuneração em dólar para as centenas que servem no Exterior, manutenção de luxuosas sedes e demais vantagens, luxos e luxúrias de nababos e marajás e temos uma idéia de onde está mergulhando o dinheiro do contribuinte. Na mesma linha, lembremos o Banco Central, a Caixa Econômica com suas agências mil, o Banespa, o Banerj, o Banco da Amazônia, o Banco do Nordeste etc. e as ladroeiros que carregam com outras centenas de milhões de dólares — e vislumbramos uma pálida idéia das somas fabulosas que são consumidas nesse sistema, puramente especulativo, de 70% das finanças do País. Não é de admirar a empáfia descomunal de um burocrata típico como o sr. Calazans. Com as armas da pressão, do clientelismo eleitoral e das greves, a classe burocrática realmente se prepara para conquistar a felicidade. Sendo, por excelência, a "classe dominante e exploradora" da República, é a única a tirar todos os proveitos da crise econômica e da inflação. Que digo! A burocracia cria precisa e deliberadamente esses males para eliminar suas rivais, as classes livres — empresários, fazendeiros, comerciantes, profissionais liberais, pequenos industriais, artesãos, trabalhadores, até mesmo camelôs, todos localizados no setor privado da economia. O Estado de S. Paulo de 16 de março publicou dados, que teriam sido fornecidos pelo Ministério da Fazenda, os quais atribuem um salário médio de Cz\$ 57.687 aos milhão e meio de funcionários da administração indireta. Isso implicaria um dispêndio de mais de sete bilhões de dólares com a folha de pagamento das estatais.

Em conclusão, estamos claramente assistindo, no seio da Constituinte, no interior da burocracia estatal e nos círculos da intelectualidade esquerdizante, enquistada na Igreja, nas Universidades e nos meios de comunicação, a um esforço concentrado, amparado pela ideologia nacional-socialista legitimadora do processo, no sentido de transformar o Brasil sem derramamento de sangue e, por assim dizer, inconscientemente, numa Nova República Popular, terceiromundista e subdesenvolvida. Um dia, vamos despertar e, bestificados, perceberemos que o nacional-socialismo está definitivamente implantado. A Revolução vermelha almejada seria, no caso, uma revolução branca...

J.O. de Meira Penna é embaixador, professor da UnB e escritor.